

Diálogo aberto, comunicação real

O professor Hans Küng disse: "Até que haja paz entre religiões, não pode haver paz no mundo". As pessoas matam e são mortas porque se apegam demais às suas próprias crenças e ideologias. Quando acreditamos que a nossa é a única fé que contém a verdade, a violência e o sofrimento certamente serão o resultado. O segundo preceito da Ordem do Interser, fundado na tradição zen-budista durante a guerra no Vietnã, é sobre deixar de lado as opiniões: "Não pense que o conhecimento que você possui atualmente é uma verdade absoluta e imutável. Evite ter a mente estreita e ficar limitado aos seus pontos de vista atuais. Aprenda e pratique o desapego das suas visões para estar aberto para receber os pontos de vista de outras pessoas." Para mim, esta é a prática mais essencial da paz.

Estou envolvido no trabalho de paz há mais de trinta anos: combate à pobreza, ignorância e doenças; indo para o mar para ajudar a resgatar pessoas de barcos; evacuando feridos das zonas de combate; reinstalando refugiados; ajudando crianças e órfãos famintos; me opondo a guerras; produzindo e divulgando literatura sobre paz; fazendo treinamento assistentes sociais; e reconstruindo aldeias destruídas por bombas. É por causa da prática da meditação - parando, acalmando e olhando profundamente - que pude nutrir e proteger as fontes de minha energia espiritual e continuar este trabalho.

Durante a guerra no Vietnã, vi comunistas e anticomunistas se matando e se destruindo, porque cada lado acreditava ter o monopólio da verdade. Muitos cristãos e budistas em nosso país estavam lutando entre si em vez de trabalharem juntos para parar a guerra. Escrevi um livreto intitulado "Diálogo: a chave da paz", mas minha voz foi abafada pelas bombas, morteiros e gritos.

Um soldado americano parado na traseira de um caminhão militar cuspiu na cabeça do meu discípulo, um jovem monge chamado Nhât Tri. O soldado deve ter pensado que nós budistas estávamos minando o esforço de guerra da América ou que meu discípulo era comunista disfarçado. O irmão Nhat Tri ficou tão zangado que pensou em deixar o mosteiro e ingressar na Frente de Libertação Nacional. Por estar praticando meditação, pude ver que todos na guerra eram vítimas, que os soldados americanos enviados ao Vietnã para bombardear, matar e destruir também estavam sendo mortos e mutilados. Pedi ao irmão Nhât Tri que se lembrasse de que o soldado também foi vítima de guerra, vítima de uma visão errada e de uma política errada, e pedi que ele continuasse seu trabalho pela paz como monge. Ele conseguiu ver isso e se tornou um dos trabalhadores mais ativos da Escola Budista da Juventude para o Serviço Social(...)

No altar em meu eremitério na França, há imagens de Buda e Jesus, e toda vez que acendo incenso, toco os dois como meus ancestrais espirituais. Eu posso fazer isso por causa do contato com cristãos reais. Quando você toca em alguém que representa autenticamente uma tradição, você não apenas toca na tradição dele, mas também na sua. Essa qualidade é essencial para o diálogo. Quando os participantes estão dispostos a aprender um com o outro, o diálogo ocorre apenas por estarem juntos. Quando aqueles que representam uma tradição espiritual incorporam a essência de sua tradição, a maneira como andam, sentam e sorriem fala muito sobre a tradição.(...)

Em um verdadeiro diálogo, os dois lados estão dispostos a mudar. Temos que entender que a verdade pode ser recebida de fora - e não apenas dentro - do nosso próprio grupo. Se não acreditarmos nisso, entrar em diálogo seria uma perda de tempo. Se pensamos que monopolizamos a verdade e ainda organizamos um diálogo, isso não é autêntico. Temos que acreditar que, ao dialogar com a outra pessoa, temos a possibilidade de fazer uma mudança dentro de nós mesmos, para que possamos nos aprofundar. O diálogo não é um meio de assimilação, no sentido de que um lado se expande e incorpora o outro em seu "eu". O diálogo deve ser praticado com base no "não-eu". Temos que permitir que o que é bom, bonito e significativo na tradição do outro nos transforme.

Mas o princípio mais básico do diálogo inter-religioso é que o diálogo deve começar, antes de tudo, dentro de si. Nossa capacidade de fazer as pazes com outra pessoa e com o mundo depende muito de nossa capacidade de fazer as pazes conosco. Se estamos em guerra com nossos pais, nossa família, nossa sociedade ou nossa igreja, provavelmente há uma guerra

acontecendo dentro de nós também; portanto, o trabalho mais básico para a paz é retornar a nós mesmos e criar harmonia entre os elementos dentro de nós - nossos sentimentos, nossas percepções e nossos estados mentais. É por isso que a prática da meditação, olhar profundamente, é tão importante. Devemos reconhecer e aceitar os elementos conflitantes que estão dentro de nós e suas causas subjacentes. Leva tempo, mas o esforço sempre dá frutos. Quando temos paz interior, é possível um verdadeiro diálogo com os outros.

Nos Salmos, diz: "Fique quieto e saiba que eu sou Deus". "Fique quieto" significa tornar-se pacífico e concentrado. O termo budista é samatha (parando, acalmando, concentrando). "Saber" significa adquirir sabedoria, discernimento ou entendimento. O termo budista é vipasyana (insight ou olhar profundamente). "Olhar profundamente" significa observar algo ou alguém com tanta concentração que a distinção entre observador e observado desaparece. O resultado é uma visão da verdadeira natureza do objeto.

Quando olhamos para o coração de uma flor, vemos nuvens, luz do sol, minerais, tempo, terra e tudo mais no cosmos. Sem nuvens, não poderia haver chuva e não haveria flor. Sem tempo, a flor não poderia florescer. De fato, a flor é feita inteiramente de elementos não florais; não possui existência individual independente. Ele "inter-é" com tudo o mais no universo. Interser é um termo novo, mas acredito que estará no dicionário em breve, porque é uma palavra muito importante. Quando vemos a natureza do interser, as barreiras entre nós e os outros são dissolvidas e a paz, o amor e a compreensão são possíveis. Sempre que há entendimento, nasce a compaixão.

Assim como uma flor é feita apenas de elementos não-flor, o budismo é feito apenas de elementos não-budistas, incluindo os cristãos, e o cristianismo é feito de elementos não-cristãos, incluindo os budistas. Temos raízes, tradições e maneiras de ver diferentes, mas compartilhamos as qualidades comuns de amor, compreensão e aceitação. Para que nosso diálogo seja aberto, precisamos abrir nossos corações, deixar de lado nossos preconceitos, ouvir profundamente e representar com sinceridade o que sabemos e entendemos. Para fazer isso, precisamos de uma certa quantidade de fé. No budismo, fé significa confiança nas habilidades de nós e dos outros de despertar para nossa capacidade mais profunda de amar e compreender. No cristianismo, fé significa confiança em Deus, Aquele que representa amor, entendimento, dignidade e verdade. Quando estamos olhando profundamente e tocando a fonte de nossa verdadeira sabedoria, tocamos o Buda vivo e o Cristo vivo em nós mesmos e em cada pessoa que encontramos.

*(Do livro "Living Buddha, living Christ" – Thich Nhat Hanh)
(Traduzido por Leonardo Dobbin)
Comente esse texto em <http://sangavirtual.blogspot.com>*